

Obras Póstumas



Allan Kardec

PARTE I
CAPÍTULO XIV – AS CINCO ALTERNATIVAS
DA HUMANIDADE

Índice

Assunto	Origem	Página
I – Doutrina Materialista	Obras Póstumas	03
Obras Póstumas	O Consolador	05
Materialismo	O Consolador	06
II – Doutrina Panteísta	Obras Póstumas	08
Obras Póstumas	O Consolador	09
Afinal, o que é panteísmo?	O Consolador	10
III – Doutrina Deísta	Obras Póstumas	12
Obras Póstumas	O Consolador	13
Deísmo	Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita	14
IV – Doutrina Dogmática	Obras Póstumas	15
Obras Póstumas	O Consolador	16
V – Doutrina Espírita	Obras Póstumas	17
A Doutrina do Espiritismo	Síntese Doutrinária (Léon Denis)	18
O tríplice aspecto da Doutrina Espírita	O Consolador	21

Parte I

Capítulo XIV – As cinco alternativas da humanidade

Bem poucos homens vivem despreocupados do dia seguinte. Ora, se cada um se inquieta pelo que virá após o dia que está transcorrendo, com mais forte razão é natural se preocupe com o que haverá depois do grande dia da vida, pois já não se trata de alguns instantes, mas da eternidade.

Viveremos ou não viveremos, findo esse grande dia?

Não há meio-termo; é uma questão de vida e de morte; é a suprema alternativa!...

Se interrogarmos o sentimento íntimo da quase universalidade dos homens, todos responderão: “Viveremos.”

Essa esperança constitui uma consolação. Entretanto, uma pequena minoria se esforça, sobretudo de algum tempo para cá, por lhes provar que não viverão. Fez prosélitos essa escola, força é confessá-lo, e principalmente entre os que, temendo a responsabilidade do futuro, acham mais cômodo gozar sem constrangimento do presente, sem se perturbarem com a perspectiva das consequências. Essa, porém, é a opinião de uma pequena minoria.

Se havemos de viver, como viveremos? Em que condições viremos a encontrar-nos? Aqui, os sistemas variam, de acordo com as idéias religiosas e filosóficas. Podem, no entanto, reduzir-se a cinco todas as capitais alternativas, que passamos a resumir, a fim de que se torne mais fácil a comparação e cada um possa escolher a que lhe pareça mais racional e melhor corresponda às suas aspirações pessoais e às exigências da sociedade. As cinco alternativas são as que resultam das doutrinas do **materialismo**, do **panteísmo**, do **deísmo**, do **dogmatismo** e do **Espiritismo**.

I – Doutrina Materialista

A inteligência do homem é uma propriedade da matéria; nasce e morre com o organismo. O homem **nada é antes, nem depois** da vida corporal.

Consequências. Sendo o homem apenas matéria, os gozos materiais são as únicas coisas reais e desejáveis; as afeições morais carecem de futuro; os laços morais a morte os quebra sem remissão e para as misérias da vida não há compensação; o suicídio vem a ser o fim racional e lógico da existência, quando não se pode esperar atenuação para os sofrimentos; inútil qualquer constrangimento para vencer os maus pendores; viver cada um para si o melhor possível, enquanto aqui estiver; estupidez vexar-se e sacrificar o repouso, o bem-estar por causa de outros, isto é, por causa de seres que a seu turno serão aniquilados e que ninguém tornará a ver; deveres sociais sem fundamento, o bem e o mal meras convenções; por freio social unicamente a força material da lei civil.

NOTA — Não será talvez inútil lembrar aqui, aos nossos leitores, algumas passagens de um artigo que publicamos sobre o materialismo, na Revista de agosto de 1868.

“O materialismo, dizíamos, estadeando-se, como jamais o fizera em época nenhuma, apresentando-se como regulador supremo dos destinos morais da Humanidade, teve por efeito aterrorizar as massas pelas consequências inevitáveis das suas doutrinas com relação à ordem social. Por isso mesmo, provocou, em favor das idéias espiritualistas, enérgica reação, que lhe há de provar quão longe ele está de possuir simpatias tão gerais quanto supõe e que singularmente se ilude se espera impor um dia suas leis ao mundo.

“Certamente as crenças espiritualistas do passado não satisfazem a este século: já não estão ao nível intelectual da nossa geração; por muitos pontos, acham-se em contradição com os dados positivos da Ciência; deixam no espírito idéias incompatíveis com a necessidade do positivo que predomina na sociedade moderna; cometem, além disso, o erro de se imporem por meio da fé cega e de proscurem o livre-exame; daí, sem nenhuma dúvida, o desenvolvimento da incredulidade na maioria das criaturas. É de toda a evidência que, se os homens fossem alimentados, desde a infância, com idéias de natureza a serem mais tarde, confirmadas pela razão, não haveria incrédulos. Quantos, reconduzidos pelo Espiritismo à crença, nos não dito:

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo XIV)

Se sempre nos houvessem apresentado Deus, a alma e a vida futura de maneira racional, jamais houvéríamos duvidado.”

“Do fato de a um princípio dar-se má ou falsa aplicação, seguir-se-á que se deva rejeitá-lo? Ocorre com as coisas espirituais o que se verifica com a legislação e com todas as instituições sociais. Faz-se mister apropriá-las aos tempos, sob pena de sucumbirem. Mas, em vez de apresentar alguma coisa melhor que o velho espiritualismo, o materialismo preferiu suprimir tudo, o que o dispensava de pesquisar e lhe parecia mais cômodo àqueles a quem a idéia de Deus e do futuro importuna. Que se deveria pensar de um médico que, achando não ser bastante substancioso o regímen de um convalescente, lhe prescrevesse não comer absolutamente nada?

“O que causa espanto na maioria dos materialistas da escola moderna é o espírito de intolerância levado aos últimos limites, quando ao mesmo tempo reclamam incessantemente o direito à liberdade de consciência!

“Há, neste momento, em certo partido, um levantar de broquéis contra as idéias espiritualistas em geral, nas quais, naturalmente, as do Espiritismo se acham envolvidas.

O que esse partido quer não é um Deus melhor e mais justo, é o Deus matéria, menos embaraçoso, porque não se lhe tem de prestar contas. Ninguém contesta ao mencionado partido o direito de ter sua opinião, de discutir as opiniões contrárias; mas, o que não se lhe poderia conceder é a pretensão, singular, pelo menos, em homens que se dão como apóstolos da liberdade, de impedirem que os outros creiam a seu modo e discutam as doutrinas de que eles não partilham.

Intolerância por intolerância, uma não vale mais do que a outra.”

113. Em que consiste a doutrina materialista e quais as suas consequências?

Segundo essa doutrina, a inteligência do homem é uma propriedade da matéria; ela nasce e morre com o organismo.

O homem não é nada antes nem depois da vida corpórea.

Eis as consequências de semelhantes ideias:

Não sendo o homem senão matéria, não há de real e de invejável senão os gozos materiais;

As afeições morais não têm futuro;

Os laços morais são quebrados sem retorno com a morte;

As misérias da vida não têm nenhuma compensação;

O suicídio torna-se o fim racional e lógico da existência quando os sofrimentos são sem esperança de melhora;

É inútil se impor um constrangimento para vencer os maus pendores; viver para si o melhor possível, enquanto estiver aqui, eis algo lógico e natural;

É uma estupidez incomodar-se e sacrificar seu repouso, seu bem-estar, por outrem, quer dizer, por seres que serão aniquilados também, a seu turno, e que jamais tornarão a ser vistos;

Os deveres sociais não têm nenhuma base, o bem e o mal são coisas de convenção;

O freio social é reduzido ao poder material da lei civil.

(Obras Póstumas – As cinco alternativas da humanidade.)

Materialismo

O materialismo nasceu com Tales na Grécia antiga.

1. Materialismo é a doutrina filosófica segundo a qual não existe essencialmente no Universo coisa alguma além da matéria, quer como causa, quer como efeito. Implica um sistema de mundos em que o fundamento único é a matéria, incriada e eterna, isto é, existente por si mesma, necessária e suficiente, sem interferência alguma de Deus. Essa concepção é muito antiga e vem desde os primeiros filósofos gregos.

2. Eis, a seguir, um esboço das ideias materialistas ao longo da história humana.

3. O materialismo, como doutrina, ensino ou escola, nasceu com Tales de Mileto, na Grécia antiga, por volta do século VI a.C. O materialismo dos filósofos jônicos arrola algumas teses que se tornariam características das doutrinas materialistas posteriores:

I – A filosofia deve explicar os fenômenos não por meio de mitos religiosos, mas pela observação da própria realidade.

II – A matéria, incriada e indestrutível, é a substância de que todas as coisas se compõem e à qual todas se reduzem.

III – A geração e a corrupção das coisas obedecem a uma necessidade não sobrenatural, mas natural, não ao destino, mas às leis físicas.

IV – A matéria não é estática, mas se acha em constante movimento, em permanente metamorfose.

V – A experiência sensível é a origem do conhecimento.

VI – A alma faz parte da natureza e obedece às mesmas leis que regem o seu movimento.

4. Para Tales de Mileto, a substância primordial era a água; para Anaximandro, a matéria indeterminada. Os fenômenos da natureza consistiriam em transformações do mesmo princípio material, independentemente de qualquer interferência divina.

5. Anaxágoras entendia que a natureza se constituía de homeomerias, unidades que contêm os elementos de todas as coisas em proporções infinitesimais. Demócrito sustentava que o princípio de todas as coisas eram os átomos. Tudo o que existe seria material, e a matéria que constitui os átomos é qualitativamente idêntica, determinando os diferentes fenômenos da natureza em função da diversidade quantitativa dos átomos. A alma humana, feita também de átomos, estaria sujeita à decomposição e à morte. A natureza – dizia Demócrito – se explica por si mesma, e os acontecimentos que hoje se **produzem** não têm causa primeira, pois preexistem de toda a eternidade no tempo infinito, contendo, sem exceção, tudo o que foi, é e será.

A escola platônica se opôs desde cedo ao materialismo

6. Essas foram, em tese, as ideias materialistas reinantes até o século XIII, havendo em contraposição as escolas espiritualistas – sobretudo a platônica e a neoplatônica – e aquelas que tentavam conciliar o materialismo com a teologia, como a escola aristotélica.

7. No longo período que constituiu a Idade Média, o materialismo foi sofrendo algumas alterações, sempre, porém, rejeitando a ideia de um Criador supremo. Para Francis Bacon (1561-1626), as ciências físicas e naturais constituíam “a verdadeira ciência”.

8. Hobbes (1588-1679) concebeu por essa mesma ocasião um sistema materialista perfeitamente coerente. Imaginando o mundo à maneira de Descartes, a geometria como paradigma do pensamento lógico e a mecânica de Galileu como ideal da ciência da natureza, ele considerou o

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo XIV)

mundo um conjunto de corpos materiais, definidos geometricamente, por sua forma e extensão. O homem seria um corpo, como os demais; a alma não existiria e os organismos não passariam de engrenagens do mecanismo universal.

9. John Locke (1632-1704) negava as ideias inatas e afirmava que todas as ideias humanas têm origem na experiência. No século XVIII, Julien Offroy de la Mettrie (1709-1751) afirmou que o prazer e o amor-próprio são os únicos critérios da vida moral e os fenômenos psíquicos resultam de alterações orgânicas no cérebro e no sistema nervoso. Na mesma época, Cloude Adrien Helvétius (1715-1771), que é considerado o precursor ideológico da Revolução Francesa, defendeu a tese de que todas as ideias são sensações provocadas pelos objetos materiais e a personalidade é produto do meio e da educação.

10. Encerrando o século XVIII, Paul Henri Dietrich (1723-1789) insistiria na negação das ideias inatas, da existência da alma e de Deus, além de considerar o Cristianismo contrário à razão e à natureza. Para Dietrich, o comportamento religioso não passava de despotismo político.

Não é só o materialismo que nega a existência de Deus

11. Com Karl Marx (1818-1883) e Engels (1820-1895) surge, no século XIX, o chamado materialismo histórico e dialético. Segundo o marxismo, as organizações políticas e jurídicas, os costumes e a religião são estritamente determinados pelas condições econômicas, pelo estado da indústria e do comércio, da produção e das vendas.

12. Como se vê, os materialistas só creem na matéria. Contudo, não podem deixar de ver a ordem existente no Universo, uma ordem inteligente que reconhecem, mas que, para eles, não necessita de uma causa inteligente que a preceda, conceba e presida.

II – Doutrina Panteísta

O princípio inteligente, ou alma, independente da matéria, é extraído, ao nascer, do todo universal; individualiza-se em cada ser durante a vida e volta, por efeito da morte, à massa comum, como as gotas de chuva ao oceano.

Consequências. Sem individualidade e sem consciência de si mesmo, o ser é como se não existisse. As consequências morais desta doutrina são exatamente as mesmas que as da doutrina materialista.

NOTA — Certo número de panteístas admitem que a alma, tirada, ao nascer, do todo universal, conserva a sua individualidade por tempo indefinido e somente volta à massa depois de haver chegado aos últimos degraus da perfeição. As consequências desta variedade de crença são absolutamente as mesmas que as da doutrina panteísta propriamente dita, pois de todo inútil é que alguém se dê ao trabalho de adquirir alguns conhecimentos, cuja consciência terá de perder, pelo aniquilar-se após um tempo relativamente curto. Se a alma, em geral, se nega a admitir semelhante concepção, quão mais penosamente não haveria ela de sentir-se chocada, ponderando que o instante em que alcançasse o conhecimento e a perfeição supremos seria o em que se veria condenada a perder o fruto de todos os seus labores, perdendo a sua individualidade.

114. Em que consiste o panteísmo?

Segundo a doutrina panteísta, o princípio inteligente ou alma, independente da matéria, no nascimento é haurido do todo universal; individualiza-se em cada ser durante a vida e, com a morte, retorna à massa comum, como as gotas de chuva no oceano.

Eis as consequências de tais ideias: Sem individualidade, e sem consciência de si mesmo, o ser é como se não existisse e as consequências morais desta doutrina são exatamente as mesmas que as da doutrina materialista.

Ressalve-se que um certo número de panteístas admite que a alma, haurida no nascimento no todo universal, conserva sua individualidade durante um tempo indefinido, e que ela não retorna à massa senão depois de ter chegado ao último grau da perfeição.

Mas as consequências desta variedade de crença são absolutamente as mesmas que as da doutrina panteísta propriamente dita, porque é perfeitamente inútil se dar ao trabalho para adquirir alguns conhecimentos, dos quais deve perder a consciência aniquilando-se depois de um tempo relativamente curto.

(Obras Póstumas – As cinco alternativas da humanidade.)

Crônicas e Artigos

227 – 18/09/2011

O Consolador – (Marcelo Damasceno do Vale)

Afinal, o que é panteísmo?

II – Doutrina Panteísta

Que se deve pensar da opinião segundo a qual todos os corpos da Natureza, todos os seres, todos os globos do Universo seriam partes da Divindade e constituiriam, em conjunto, a própria Divindade, ou, por outra, que se deve pensar da doutrina panteísta?

“Não podendo fazer-se Deus, o homem quer ao menos ser uma parte de Deus.”

(Questão 15 de O Livro dos Espíritos.)

O panteísmo (do grego pan = tudo + théos = Deus) é uma doutrina filosófica que defende que tudo é Deus, considerando a Natureza e o Universo divinos.

Existem várias formas ou sistemas de panteísmo. O panteísmo clássico considerava Deus a única realidade e o universo uma mera manifestação, emanação ou realização de Deus; o estoicismo identificou Deus com o Universo, considerando-O como a força vital e inteligência cósmica que o governa; no neoplatonismo e, mais tarde, com Giordano Bruno, Deus é causa e princípio do universo. O panteísmo materialista ou naturalista vê no universo a própria realidade de Deus. (1)

O filósofo holandês Baruch Spinoza (1632-1677) considerava que “Só o mundo é real, sendo Deus a soma de tudo quanto existe”. Temos, ainda, o Pananteísmo de Teillard de Chardin, o qual é um panteísmo mais elaborado e complexo, e também o panteísmo científico, que assume a convicção de que o cosmos é divino e a Terra é sagrada. (2 e 3)

O neo-Panteísmo é outro sistema que se assenta sobre a ideia de um deus impessoal representado pela Natureza, porém de polaridade sexual feminina. Surgiu a partir de uma falsa compreensão do Deus vivo, pois seus adeptos justificam a necessidade de uma crença não Sobrenatural. (4)

Os filósofos clássicos do Espiritismo complementaram o pensamento dos Espíritos da codificação de forma brilhante, primeiro Léon Denis:

Deus, tal qual o concebemos, não é, pois, o Deus do panteísmo oriental, que se confunde com o Universo, nem o Deus antropomorfo, monarca do céu, exterior ao mundo, de que nos falam as religiões do Ocidente. Deus é manifestado pelo Universo – do qual é a representação sensível –, mas não se confunde com este. De igual maneira que em nós a unidade consciente, a Alma, o eu, persiste no meio das modificações incessantes da matéria corporal, assim, no meio das transformações do Universo e da incessante renovação de suas partes, subsiste o Ser que é a Alma, a consciência, o eu que o anima e lhe comunica o movimento e a vida. (5)

E também temos as observações lúcidas de Camille Flammarion:

O panteísmo, fazendo da alma uma partícula da substância divina, a escraviza e arrasta, inevitavelmente, ao fatalismo absoluto. (6)

A opinião que proclama a identidade substancial de Deus com o mundo, e que recentemente tem tido uma revivescência favorável, não passa de panteísmo absoluto, na sua forma simples e íntegra.

Quaisquer que sejam as palavras com que o expressem, um espírito judicioso jamais se iludiria. Se Deus e o mundo não são mais que um mesmo e único ser, Deus não existe. (7)

Mas, ainda bem que o ateísmo absoluto só pode ser uma loucura nominal e o espírito mais negativista não pode, realmente, atribuir à matéria senão o que pertence ao espírito, criando assim um deus-matéria, à sua imagem e semelhança. Assim, temos visto que, desde o panteísmo

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo XIV)

místico ao mais rigoroso ateísmo, os erros humanos a respeito da personalidade divina não puderam, senão, velar, ou desnaturar a revelação do Universo, sem aniquilá-la. Nosso Deus da Natureza permanece inatacável, no seio mesmo da Natureza, força intrínseca e universal governando cada átomo, formando organismos e mundos, princípio e fim das criações que passam, luz incriada a brilhar no mundo invisível e para a qual, oscilantes, se dirigem as almas, como a agulha imantada, que não mais repousa enquanto não se encontra identificada com o plano do polo magnético. (8)

Ambos esclareceram a ideia de Deus em oposição ao panteísmo – o qual parece uma doutrina interessante que unifica a Criação com o Criador, mas resulta em um Universo sem direção única, ordenado por uma entidade indefinida, sujeita às modificações da matéria.

O panteísmo teria como consequência a desorganização e não a perfeição matemática de toda a criação.

Notas:

1 – http://pt.wikipedia.org/wiki/Teilhard_de_Chardin.

2 – <http://www.sociedadeteosofica.org.br/bhagavad/site/livro/cap45.htm>.

3 – [http://www.infopedia.pt/\\$panteismo](http://www.infopedia.pt/$panteismo).

4 – <http://pantheism-site.us/mainpage1.html>.

5 – Denis Léon, O Grande Enigma, Cap. I.

6 – Flammarion Camille, Deus na natureza, Cap. 3 – Terceira Parte.

7 – Flammarion Camille, Deus na natureza, Cap. 1 – Quinta Parte.

8 – Flammarion Camille, Deus na natureza, Cap. 1 – Quinta Parte.

III – Doutrina Deísta

O deísmo compreende duas categorias bem distintas de crentes: os **deístas independentes** e os **deístas providencialistas**.

Os primeiros creem em Deus; admitem todos os seus atributos como criador. Deus, dizem eles, estabeleceu as leis gerais que regem o Universo; mas, uma vez estabelecidas, essas leis funcionam por si sós e aquele que as promulgou de mais nada se ocupa. As criaturas fazem o que querem ou o que podem, sem que ele se inquiete. Não há providência; não se ocupando Deus conosco, nada temos que lhe agradecer, nem que lhe pedir.

Os que negam qualquer intervenção providencial na vida do homem são como crianças que se julgam muito ajuizadas para se libertarem da tutela, dos conselhos e da proteção de seus pais, ou que pensam não deverem estes ocupar-se mais com eles, desde que os puseram no mundo.

Sob o pretexto de glorificarem a Deus, demasiado grande, dizem, para se abaixar até as suas criaturas, fazem dele um grande egoísta e o rebaixam até ao nível dos animais que abandonam suas crias à Natureza.

Essa crença é resultado do orgulho; é sempre a idéia de que estamos submetidos a um poder superior que fere o amor-próprio e do qual procuram eximir-se. Enquanto uns negam absolutamente esse poder, outros consentem em reconhecer-lhe a existência, embora condenando-a à nulidade.

Há uma diferença essencial entre o **deísta independente**, do qual acabamos de falar, e o **deísta providencialista**.

Este último, com efeito, crê não só na existência e no poder criador de Deus, na origem das coisas, como também crê na sua intervenção incessante na criação e a ele ora, mas não admite o culto exterior e o dogmatismo atual.

115. Que compreende a doutrina deísta?

O deísmo compreende duas categorias bem distintas de crentes: os deístas independentes e os deístas providenciais.

Os deístas independentes creem em Deus; admitem todos os seus atributos como criador. Deus, dizem eles, estabeleceu as leis gerais que regem o Universo, mas essas leis, uma vez criadas, funcionam sozinhas e seu autor não se ocupa mais de nada. As criaturas fazem o que querem ou o que podem, sem que com isso se inquietem.

Não existe a Providência; não se ocupando Deus conosco, nada há a agradecer-lhe nem a pedir-lhe.

Esta crença é resultado do orgulho; é sempre o pensamento de estar submetido a uma força superior que melindra o amor-próprio e da qual procura libertar-se.

Ao passo que uns recusam absolutamente essa força, outros consentem em reconhecer a sua existência, mas a condenam à nulidade.

Os deístas providenciais creem não só na existência e no poder criador de Deus na origem das coisas; creem também em sua intervenção incessante na criação e a pedem, mas não admitem o culto exterior e o dogmatismo atual.

(Obras Póstumas – As cinco alternativas da humanidade.)

Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita

Livro 5 – Filosofia e Ciência Espírita

Roteiro 7 Deus

2 – Concepção filosófica de Deus

III – Doutrina Deísta

Deísmo

Deísmo é uma postura filosófico-religiosa que admite a existência de Deus como Criador Supremo, mas questiona a ideia da revelação divina aos homens. Em outras palavras, é a doutrina que considera a razão como a única via capaz de assegurar a existência de Deus.

Os deístas não se prendem, em geral, a uma religião organizada.

Voltaire (1694–1778), filósofo e escritor iluminista francês, conhecido pela sua perspicácia e espirotuosidade na defesa das liberdades civis, inclusive da liberdade religiosa, legítimo representante do pensamento deísta, afirmou:

“O conhecimento de Deus não foi impresso em nos pelas mãos da Natureza, pois todos os homens teriam a mesma ideia, e ideia alguma nasce conosco”.

A despeito do brilhantismo do seu pensamento, revelado em diferentes campos do conhecimento, no caso da ideia de Deus, Voltaire descarta a ideia inata de Deus, desconhecendo, portanto, a possibilidade de a criatura humana trazer consigo, desde o nascimento, a crença em Deus, claramente explicada pela tese reencarnacionista.

IV – Doutrina Dogmática

A alma, independente da matéria, é criada por ocasião do nascimento do ser; sobrevive e conserva a individualidade após a morte; desde esse momento, tem irrevogavelmente determinada a sua sorte; nulos lhe são quaisquer progressos ulteriores; ela será, pois, por toda a eternidade, intelectual e moralmente, o que era durante a vida. Sendo os maus condenados a castigos perpétuos e irremissíveis no inferno, completamente inútil lhes resulta todo arrependimento; parece assim que Deus se nega a conceder-lhes a possibilidade de repararem o mal que fizeram. Os bons são recompensados com a visão de Deus e a contemplação perene no céu. Os casos que possam merecer o céu ou o inferno, por toda a eternidade, são deixados à decisão e ao juízo de homens falíveis, aos quais é dada a faculdade de absolver ou condenar.

(NOTA — Se a esta proposição final objetassem que Deus julga em última instância, poder-se-ia perguntar que valor tem a decisão proferida pelos homens, uma vez que ela pode ser infirmada.)
Separação definitiva e absoluta dos condenados e dos eleitos. Inutilidade dos socorros morais e das consolações para os condenados. Criação de anjos ou almas privilegiadas, isentas de todo trabalho para chegarem à perfeição, etc., etc.

Consequências. Esta doutrina deixa sem solução os graves problemas seguintes:

1º Donde vêm as disposições inatas, intelectuais e morais, que fazem com que os homens nasçam bons ou maus, inteligentes ou idiotas?

2º Qual a sorte das crianças que morrem em tenra idade? Por que vão elas para uma vida bem-aventurada, sem o trabalho a que os outros ficam sujeitos durante longos anos? Por que são recompensadas sem terem podido fazer o bem, ou são privadas de uma felicidade perfeita, sem terem feito o mal?

3º Qual a sorte dos cretinos e dos idiotas que não têm consciência de seus atos?

4º Onde a justiça das misérias e das enfermidades de nascença, uma vez que não resultam de nenhum ato da vida presente?

5º Qual a sorte dos selvagens e de todos os que forçosamente morrem no estado de inferioridade moral em que foram colocados pela natureza mesma, se não lhes é dado progredirem ulteriormente?

6º Por que cria Deus umas almas mais favorecidas do que outras?

7º Por que chama ele a si prematuramente os que teriam podido melhorar-se, se vivessem mais tempo, visto que não lhes é permitido progredirem depois da morte?

8º Por que criou Deus anjos em estado de perfeição sem trabalho, ao passo que outras criaturas são submetidas as mais rudes provações em que têm maiores probabilidades de sucumbir, do que de sair vitoriosas, etc., etc.?

116. Que ensina o dogmatismo, isto é, as doutrinas dogmáticas?

Segundo tais doutrinas, a alma, independente da matéria, é criada no nascimento de cada ser; sobrevive e conserva a sua individualidade depois da morte; a sua sorte está, desde esse momento, irrevogavelmente fixada; os seus progressos ulteriores são nulos; ela será, conseqüentemente, por toda a eternidade, intelectual e moralmente, o que era durante a vida.

Sendo os maus condenados a castigos perpétuos e irremissíveis no inferno, disso ressalta, para eles, a inutilidade completa do arrependimento. Deus parece, assim, recusar-se a lhes deixar a oportunidade de reparar o mal que fizeram.

Os bons são recompensados pela visão de Deus e a contemplação perpétua no céu. Os casos que podem merecer, pela eternidade, o céu ou o inferno, são deixados para a decisão e o julgamento de homens falíveis, a quem é dado absolver ou condenar.

Essas doutrinas ensinam também a separação definitiva e absoluta dos condenados e dos eleitos; a inutilidade dos auxílios morais e das consolações para os condenados; a criação de anjos ou almas privilegiadas isentas de todo trabalho para chegarem à perfeição.

Em face de tais ideias, ficam sem solução os graves problemas seguintes:

1º De onde vêm as disposições inatas, intelectuais e morais, que fazem com que os homens nasçam bons ou maus, inteligentes ou idiotas?

2º Qual é a sorte das crianças que morrem em tenra idade? Por que entram elas na vida feliz sem o trabalho ao qual, outras estão sujeitas durante longos anos? Por que são recompensadas sem terem podido fazer o bem, ou privadas de uma felicidade sem terem feito o mal?

3º Qual é a sorte dos cretinos e dos idiotas, que não têm consciência de seus atos?

4º Onde está a justiça da miséria e das enfermidades de nascimento, uma vez que não são, resultado de nenhum ato da vida presente?

5º Qual é a sorte dos, selvagens e de todos aqueles que morrem forçosamente no estado de inferioridade moral, onde se encontram colocados pela própria Natureza, se não lhes é dado progredir ulteriormente?

6º Por que Deus cria almas mais favorecidas umas do que as outras?

7º Por que chama a si, prematuramente, aqueles que teriam podido se melhorar se tivessem vivido por mais longo tempo, tendo em vista que não lhes é dado avançar depois da morte?

8º Por que Deus criou anjos, chegados à perfeição sem trabalho, ao passo que outras criaturas estão submetidas às mais rudes provas, nas quais têm mais chances de sucumbir do que de sair vitoriosas?

(Obras Póstumas – As cinco alternativas da humanidade.)

V – Doutrina Espírita

O princípio inteligente independe da matéria. A alma individual preexiste e sobrevive ao corpo. O ponto de partida ou de origem é o mesmo para todas as almas, sem exceção; todas são criadas simples e ignorantes e sujeitas a progresso indefinido. Nada de criaturas privilegiadas e mais favorecidas do que outras. Os anjos são seres que chegaram à perfeição, depois de haverem passado, como todas as outras criaturas, por todos os graus da inferioridade. As almas ou Espíritos progredem mais ou menos rapidamente, mediante o uso do livre-arbítrio, pelo trabalho e pela boa vontade.

A vida espiritual é a vida normal; a vida corpórea é uma fase temporária da vida do Espírito, que durante ela se reveste de um envoltório material, de que se despe por ocasião da morte.

O Espírito progredir no estado corporal e no estado espiritual.

O estado corpóreo é necessário ao Espírito, até que haja galgado um certo grau de perfeição. Ele aí se desenvolve pelo trabalho a que é submetido pelas suas próprias necessidades e adquire conhecimentos práticos especiais.

Sendo insuficiente uma só existência corporal para que adquira todas as perfeições, retoma um corpo, tantas vezes quantas lhe forem necessárias e de cada vez encarna com o progresso que haja realizado em suas existências precedentes e na vida espiritual. Quando, num mundo, alcança tudo o que aí pode obter, deixa-o para ir a outros mundos, intelectual e moralmente mais adiantados, cada vez menos materiais, e assim por diante, até a perfeição de que é suscetível a criatura.

O estado ditoso ou inditoso dos Espíritos é inerente ao adiantamento moral deles; a punição que sofrem é consequência do seu endurecimento no mal, de sorte que, com o perseverarem no mal, eles se punem a si mesmos; mas, a porta do arrependimento nunca se lhes fecha e eles podem, desde que o queiram, volver ao caminho do bem e efetuar, com o tempo, todos os progressos.

As crianças que morrem em tenra idade podem ser Espíritos mais ou menos adiantados, porquanto já tiveram outras existências em que ou praticaram o bem ou cometeram ações más. A morte não os livra das provas que hajam de sofrer e, em tempo oportuno, eles voltam a uma nova existência na Terra, ou em mundos superiores, conforme o grau de elevação que tenham atingido.

A alma dos cretinos e dos idiotas é da mesma natureza que a de qualquer outro encarnado; possuem, muitas vezes, grande inteligência; sofrem pela deficiência dos meios de que dispõem para entrar em relação com os seus companheiros de existência, como os mudos sofrem por não poderem falar. É que abusaram da inteligência em existências pretéritas e aceitaram voluntariamente a situação de impotência para usar dela, a fim de expiarem o mal que praticaram, etc., etc.

VI – A Doutrina do Espiritismo (pg. 22 a 26)

86. Como se chama o conjunto dos ensinamentos que acabamos de expor?

r. O conjunto desses ensinamentos chama-se Espiritismo ou Espiritualismo experimental.

87. Que significa esta palavra: Espiritismo?

r. Significa: Ciência do Espírito ou ensino dos Espíritos, porque são os próprios Espíritos que no-lo revelaram.

88. Por que espiritualismo experimental?

r. Porque essa doutrina repousa sobre fatos positivos, controlados pela experimentação científica.

89. O Espiritismo é uma ciência ou uma crença?

r. O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência positiva, uma filosofia, uma doutrina social; é também uma crença, porém, baseada na ciência experimental.

90. É uma ciência, uma filosofia, uma doutrina, uma crença nova?

r. De modo algum; é a ciência integral, a filosofia humana, a doutrina universal. Ele é o antigo e novo, como a Verdade, que é eterna.

91. Prove que o Espiritismo é uma ciência.

r. O Espiritismo é uma ciência porque repousa em princípios positivos de onde se podem tirar deduções científicas incontestáveis.

Além disso, ele é a própria razão da ciência, porque a ciência que não esclarece o homem sobre sua natureza íntima e sobre seu destino é uma ciência incompleta e estéril, como o positivismo. Ora, o Espiritismo é a ciência completa do homem; ela lhe indica sua verdadeira natureza, seu princípio fundamental, seu destino final e, por consequência, se esforça, dando-lhe toda a luz sobre sua vida para torná-la mais feliz e melhor.

92. Quais são as provas científicas atuais do Espiritismo?

r. As provas atuais do Espiritismo são as descobertas recentes da radioatividade de todos os corpos e de todos os seres, a hipnose, o magnetismo, os fenômenos múltiplos da telepatia, do desdobramento, os fantasmas dos vivos e dos mortos, em uma palavra, todo o conjunto dos fenômenos de ordem psíquica. As descobertas futuras, das quais estas são apenas o prefácio, darão ao Espiritismo experimental uma consagração definitiva.

93. Se o Espiritismo é uma ciência positiva, por que encontra tanta oposição, hostilidade mesmo, entre os sábios?

r. O Espiritismo só é combatido, geralmente, pelos sábios oficiais, precisamente porque ele é uma revolução na ciência oficial. A maioria dos sábios livres e independentes é, ao contrário, favorável ao Espiritismo e vem engrossar nossas fileiras.

94. Como o Espiritismo, que é uma ciência, é, ao mesmo tempo, uma filosofia e uma moral?

r. Porque o Espiritismo é uma ciência eminentemente prática, que ensina aos homens as duas grandes virtudes sobre as quais repousa toda a moral humana: a justiça e a solidariedade, isto é, o progresso na ordem e o amor.

95. O Cristianismo não explica essa moral?

r. Sim, é a moral universal escrita, em todos os tempos, na consciência humana. Jesus a ensinou ao mundo, há vinte séculos, mas os sacerdócios e as teologias a desnaturaram e alteraram por meio de acréscimos interesseiros ou de interpretações sutis. O Espiritismo lhe restituiu sua pureza

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo XIV)

primitiva, a apoia em provas sensíveis e a apresenta ao gênero humano com toda a amplitude que convém à sua evolução atual e a seus progressos futuros.

96. Entretanto, toda moral pede uma sanção, isto é, uma recompensa para o bem, um castigo para o mal?

r. A recompensa do bem cumprido é o próprio bem, como o castigo do mal cometido é a consciência de o ter praticado com premeditação; daí o remorso. O espírito humano é para consigo mesmo seu próprio recompensador ou seu algoz. Deus não pune nem recompensa ninguém. Uma lei imutável, uma justiça imanente presidem a ordem do universo e as ações dos homens.

Todo ato cumprido encerra suas consequências. Deus deixa ao tempo o cuidado de realizá-las.

97. Não há, portanto, céu nem inferno?

r. O céu ou o inferno estão na consciência de cada um de nós; toda alma traz em si e consigo sua alegria ou seu sofrimento, sua glória ou sua miséria, conforme seus méritos ou seus deméritos.

98. Então, por que fazer o bem e evitar o mal, se não se é recompensado pelo céu, nem punido pelo inferno?

r. É necessário fazer o bem e evitar o mal, não com o fim egoístico de uma recompensa, nem pelo temor servil de um castigo, mas unicamente porque é a lei de nosso adiantamento. O progresso dos seres é o resultado de seu esforço individual; assim se anulam o dogma injurioso da graça e a teoria fatalista da predestinação.

99. Como é formulada a lei do destino?

r. Cada um de nossos atos, bom ou mau, temos dito, recai sobre nós. A vida presente, feliz ou infeliz, é o resultado de nossos atos passados e a preparação de nossas vidas futuras.

Colhemos, matematicamente, através dos séculos o que semeamos.

A lembrança de nossas vidas anteriores se apaga por ocasião da volta da alma à carne; mas o passado subsiste nas profundezas do ser. Essa lembrança se recobra na morte e até durante a vida, quando a alma se desprende do corpo material, nos diferentes estados do sono. Então, o encadeamento de nossas vidas e, por conseguinte, o das causas e dos efeitos que as rege se reconstituem. A realização nelas de uma lei soberana de justiça torna-se evidente para nós.

100. Acabamos de ver que o Espiritismo é uma ciência positiva e uma filosofia moral: como, além disso, é uma doutrina social?

r. Porque o Espiritismo bem compreendido e bem praticado torna o indivíduo melhor e que é somente pela melhoria do indivíduo que se pode obter a da sociedade.

101. Como o Espiritismo torna o indivíduo melhor?

r. Dando-lhe a verdadeira noção da vida e, portanto, a do seu destino, isto é, realizando a educação moral do homem individual e do homem social.

102. Mas a sociologia e o socialismo modernos não fazem a mesma coisa?

r. Eles fazem, infelizmente, o contrário. O socialismo atual só vê na existência presente o que ele denomina “concorrência vital”, isto é, a luta pela vida. Essa teoria é perigosa porque consagra o materialismo, excita os apetites, desencadeia as ambições, aprova todos os atentados e conduz à anarquia. Ela visa somente o bem-estar material, isto é, a vida do corpo, e não leva absolutamente em conta o destino imortal do Espírito.

103. Como a doutrina espírita corrige esse erro do socialismo?

r. O Espiritismo demonstra ao homem que sua vida presente não é senão um elo da longa cadeia de suas existências. Por consequência, ele deve considerá-la, principalmente, sob seu ponto de

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo XIV)

vista real, o da educação da alma, e não pelas vantagens materiais que nos oferece, não podendo estas, se delas abusarmos, senão retardar nosso adiantamento e nossa verdadeira felicidade.

104. Como o Espiritismo compreende a solidariedade humana?

r. Em seu mais alto e mais amplo sentido. Cada homem, devendo renascer um dia para reparar suas faltas ou aperfeiçoar sua vida nesta mesma Terra, que é o campo de batalha de suas lutas e o terreno de seus labores, não tem ele todo o interesse de aí fazer o bem em torno de si, de amar seus semelhantes, lhes prestar serviço, a fim de preparar para si próprio um retorno feliz neste mundo de provas?

105. Não é isso um sonho, uma dessas utopias acariciadas pelos espíritos quiméricos, porém, impossíveis de realizar?

r. Os fatos aí estão para provar a possibilidade de realizar essa doutrina social.

Existem na Bélgica e na França grupos espíritas de operários, e sobretudo de mineiros, que funcionam há quinze ou vinte anos.

Todos os domingos eles se reúnem para ouvir os ensinamentos dos Espíritos protetores e as comunicações do além.

Cada um desses humildes trabalhadores toma para si as lições do Evangelho dos invisíveis. Alguns se têm corrigido de suas paixões e se curado de seus vícios; todos são consolados, instruídos, reconfortados e se tornam melhores.

Esses homens, antes incultos e grosseiros, são agora esclarecidos sobre os problemas do destino e da vida eterna.

As vozes do além, as de seus amigos, de seus parentes, lhes têm ensinado mais do que os sermões do padre ou as declamações do sofista ou do reitor.

Um dia, e esse dia não tardará em vir, essas comunicações do mundo invisível se tornarão a religião dos povos e a da humanidade; um novo princípio de educação social será revelado ao mundo e a paz, a justiça, a fraternidade reinarão entre os homens.

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

V – Doutrina Espírita

470 – 19/06/2016

O Consolador – (Thiago Bernardes)

O tríplice aspecto da Doutrina Espírita

1. Kardec assim se expressa: “O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações. Podemos defini-lo assim: O Espiritismo é a ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”. (“O que é o Espiritismo”, Preâmbulo.)

2. Em vista disso, constituindo a Doutrina Espírita um corpo de princípios filosóficos e éticos, apoiados na experimentação científica, apresenta ela três notórios aspectos: o científico, o filosófico e o religioso.

3. Sabe-se que a filosofia nasce quando o homem pergunta, interroga, cogita, deseja saber o “como” e o “porquê” das coisas, dos fatos, dos acontecimentos. O caráter filosófico do Espiritismo está, portanto, no estudo que ele faz do homem, de seus problemas, de sua origem e de sua destinação. Que somos? Onde viemos? Para onde vamos? - eis as clássicas perguntas que a filosofia espírita responde com notável clareza.

4. Esse estudo leva ao conhecimento do mecanismo da vida e das relações dos homens com aqueles que já se despediram deste mundo, estabelecendo as bases desse relacionamento permanente e demonstrando a existência inquestionável de Deus, a Inteligência Suprema e a Causa Primária de todas as coisas, que a tudo comanda inteligentemente.

5. Definindo as responsabilidades dos Espíritos, quando encarnados ou na vida espiritual, o Espiritismo é filosofia, uma regra moral de vida e de comportamento para os seres inteligentes da Criação.

6. O Espiritismo é, no sentido filosófico, uma religião. Assim o disse Kardec em memorável discurso publicado na “Revista Espírita” de dezembro de 1868; mas não se constitui, no sentido comum, em mais uma religião, visto que não possui cultos instituídos, igrejas, rituais, dogmas, mitos ou credences, nem tampouco hierarquia sacerdotal. Consideramo-lo religião, quando estabelece um laço moral entre os homens, conduzindo-os em direção ao Criador, mediante a vivência dos ensinamentos morais do Cristo.

7. É, porém, no seu aspecto religioso – assevera Emmanuel – que repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus, estabelecendo a necessidade da renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual.

8. O Espiritismo passa da filosofia à ciência quando confirma, pela experimentação, os conhecimentos filosóficos que prega e dissemina. Se, como filosofia, trata do conhecimento ante a razão, indaga dos princípios e perscruta o Espírito, como Ciência ele os prova.

9. Os fatos ou fenômenos espíritas são a substância mesma da ciência espírita, e seu objeto é o estudo e o conhecimento desses fenômenos, para fixação das leis que os regem. Em seu aspecto científico, ele demonstra experimentalmente a existência da alma e sua imortalidade, principalmente por meio do intercâmbio mediúnicamente entre os encarnados e os desencarnados.

10. No seu aspecto científico e filosófico – lembra Emmanuel –, a Doutrina Espírita será sempre um campo nobre de investigações humanas, como outros movimentos coletivos de natureza intelectual, que visam ao progresso da Humanidade.